

Cântico de Guerra

João Manuel Simões

*Rufam tambores na planície verde
Onde os cadáveres grávidos de sangue em silêncio
Desabrocham.*

Sós, com as flâmulas erguidas,
Caminhamos dentro da larga noite de basalto.
Astros existem para lá de nós,
Sonhos palpitam além do eco ensurdecido dos passos
Que escrevem na terra o segredo terrível
Do nosso itinerário absurdo.
Buscamos algo na penumbra indecisa
Que se estende ao longe,
Erguendo cada vez mais alto
As flâmulas.
Sós, com o rastro anônimo que deixamos sobre
Os longos caminhos que nos trazem onde
O câncer da náusea se avoluma.

Rufam tambores na. planície verde.

Quem disse paz quando os canhões clamaram?
Quem disse paz enquanto as bombas desenhavam
Lírios de fogo e sangue e morte no horizonte azul?
Sós cada vez mais sóis, com as flâmulas
Cada vez mais altas,
Esquecidos para sempre de que o sonho existe,
Inútil, áspera ficção de bárbaros.
Sós, sim, com as flâmulas
Rasgadas.

Enfiemos, irmãos, as baionetas cúmplices,
Na bainha sangrenta do remorso.
E choremos,
Chorem todos porque as rosas brancas do Vietnã
Estão florindo cada vez mais rubras.

Publicado em [Apresentação, Poemas](#) | Tagged [Aramis Milarch](#), [Cântico de Guerra](#), [Dom Alberto](#), [Gaudêncio Ramos](#), [João Manuel Simões](#), [Suma Poética](#), [Tito Filho](#), [Vietnã](#), [Virgílio e Camões](#).

Fonte :<http://cdeassis.files.wordpress.com>